

Fazendo conexões: considerações preliminares sobre design e ação social

Daniel B. Portugal (UERJ, Brasil)

dp@formaelementar.com

UERJ - Escola Superior de Desenho Industrial

Rua do Passeio, 80, Lapa, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20031-040

Fazendo conexões: considerações preliminares sobre design e ação social

Resumo: Este texto apresenta o debate proposto pela mesa *Conexões do Design*, do II seminário *Design.com*. Tal debate tem como foco os desafios a serem enfrentados pelo design enquanto campo de “ação social”. Utilizando como principal referência o pensamento de Bruno Latour, o texto delinea o que a expressão “ação social” – e mais especificamente o termo “social” – pode significar em tal contexto. Com base em tal delineamento, são investigadas as particularidades do design em relação a outros campos de ação social e a relevância para o design de uma cartografia de associações.

Palavras-chave: design, ação social, social, associações, cartografia de associações.

Making Connections: Preliminary considerations on design and social action

Abstract: This paper presents the topic of debate proposed by the Design connections session of the 2nd Design.com Seminar. The mentioned debate focuses on the challenges to be faced by design as a field of “social action”. Using as main reference the thought of Bruno Latour, the paper explores the meaning of the expression “social action” (and more specifically the term “social”). In what follows, the paper investigates the particularities of design in relation to other fields of social action and the relevance of a cartography of associations for the design field.

Keywords: design, social action, social, associations, cartography of associations.

O debate proposto pela mesa *Conexões do Design*, do II seminário *Design.com*, gira em torno dos desafios a serem enfrentados pelo design enquanto forma de ação social. Aqui, ao apresentar tal debate, proponho uma reflexão sobre a própria ideia de ação social; pois, ao utilizar essa expressão, não quero indicar um tipo específico de ação, como se existissem ações sociais e ações não sociais, mas sim destacar que, em certo sentido, toda ação é “social”. O que está em jogo, aqui, é justamente o *sentido* do termo “social”.

Com o intuito de investigar alguns dos diferentes sentidos desse termo, e destacar aqueles que podem orientar uma “cartografia de associações e narrativas” – subtítulo da mesa –, atentarei para algumas propostas de Bruno Latour (2005) em *Reagregando o social*. Logo no início dessa obra, Latour aponta que uma das maneiras mais comuns de se entender o termo “social”, quando se pensa em uma sociologia ou qualquer tipo de estudo que se intitule socio-alguma coisa, é como uma dimensão específica do real que poderia explicar fenômenos diversos. É partindo de tal acepção do termo que se pode dizer coisas como “gênero é uma criação social” ou “a ciência está sempre restrita a um contexto social”. No primeiro caso, “social” se opõe a “biológico”, no segundo, à ideia de uma ciência organizada de maneira puramente lógica. Nos dois casos, o “social” indica uma dimensão específica *para além* de uma outra dimensão supostamente autônoma: nos casos citados, a biologia e a lógica. Algo semelhante se dá quando imaginamos que indivíduos possuem características pré-sociais a serem posteriormente modificadas pela inserção no “social”; ou quando explicamos certos acontecimentos políticos pelo embate de “forças sociais”. Termos como “cultural” e “coletivo” costumam desempenhar o mesmo papel.

Quando começamos a nos perguntar sobre as qualidades dessa dimensão “social” misteriosa, contudo, as coisas se complicam um pouco. Podemos pensar em três caminhos possíveis. (1) Ficamos restritos a esse uso negativo, que só serve, em última instância, para manter a ilusão de uma biologia, ciência ou individualidade pura. Ou seja, a ilusão de uma objetividade e autonomia de certos campos da realidade – da transcendência desses campos em relação às produções “subjetivas” do “social”. (2) Separamos o “social” ou “cultural” como mais um desses supostos campos objetivos autônomos e tentamos desvendar suas “leis” próprias. Contudo, essa empreitada leva à percepção de que o “social” ou “cultural” (no sentido de elemento subjetivo que interfere negativamente nos campos objetivos) “influencia” também nosso entendimento do “social” ou da “cultura” (no sentido de campo objetivo com regras próprias). A oposição entre campo autônomo e elemento perturbador dessa ordem, portanto, permanece viva sob o duplo sentido do termo. (3) Tendo em vista a inevitabilidade de tal oposição, podemos pensar que o sentido 1 e 2 só

existem juntos, que eles dizem respeito a um mesmo processo: o de *produção* de campos parcialmente autônomos pela congregação de elementos diversos. Nesse sentido, o biológico, científico ou individual aparecem eles mesmos como produções sociais. Todavia, o termo “social” aqui não especifica mais uma dimensão do real, ele apenas indica que tudo pode ser encarado como uma associação de diversos elementos, e que estudar o “social” significa atentar para as especificidades dessas associações. Em resumo, aqui o “social” não pode explicar nada, ele é que deve ser explicado pela referência à associação de elementos diversos que o compõem.

Como escreve Latour, essa abordagem propõe que não existe “[...] nenhum domínio distinto da realidade ao qual a categoria de ‘social’ ou ‘sociedade’ possa ser atribuída; que nenhuma ‘força social’ está disponível para ‘explicar’ as características residuais das quais outros domínios não conseguem dar conta [...]” (LATOUR, 2005, p. 4, tradução minha). Nesse sentido, “social” é simplesmente aquilo que “[...] encontra-se colado por diversos *outros* tipos de conectores” (ibidem, p. 5). É ele, portanto – o “social” –, que “[...] deve ser explicado por *associações* específicas [...]” (ibidem).

É nesse terceiro sentido que uso o termo “social” ao afirmar que os debates promovidos pela mesa *Conexões do Design* têm como objetivo refletir sobre a ação social. Trata-se de pensar, portanto, sobre ações congregadoras, associativas. O termo “design”, como propõe Latour (2014) em *Um prometeu cauteloso?*, pode indicar um modo de ação social que se reconhece como dependente de inúmeros elementos, e que inevitavelmente interfere nas ordens parcialmente autônomas de diferentes campos ou associações. Tal modo de ação social terá que lidar com diferentes sentidos, valores e efeitos daquilo que ele elabora, uma vez que ele não pode se imaginar pautado pelas supostas regras objetivas e universais de um campo autônomo. Design se opõe, assim, a outros campos de ação social, como os religiosos, revolucionários e de engenharia social, que acreditam poder oferecer uma solução definitiva para a “sociedade”. Ao contrário, portanto, do que seria o caso ao fazer qualquer tipo de revolução ou modernização, fazer design exige uma enorme atenção aos diversos elementos que articulam e são articulados pela ação produtiva – ou melhor, elaborativa. Design é a atividade de elaborar com atenção ao detalhes, efeitos, sentidos e valores. Tal atividade de elaboração atua na construção de novas conexões, con-formando “coisas”.

Uma “coisa” como a Universidade, por exemplo, depende tantos de mesas, cadeiras, salas e muitos outros objetos materiais, quanto dos sentidos e valores associados a “estudo”, “ensino”, “universidade”, “aula”, “pesquisa” etc., que orienta a relação entre as materialidades e as pessoas investidas de papéis como “professor”, “aluno” etc. A Universidade existe pela conexão de

elementos muito diversos – e o que estou chamando de “elementos” tampouco são átomos, mas podem ser pensados como outras associações. Uma cadeira – para utilizar como exemplo um dos elementos citados – também é uma associação de materiais, processos produtivos, acontecimentos, significados e valores diversos. Ela não é “mais real” do que a “Universidade” por supostamente se reduzir a um substrato material. Do ponto de vista aqui assumido, o material não possui nenhuma prevalência ontológica sobre o imaterial, ou vice-versa. Com efeito, em nossa realidade (e que outra realidade seria razoável conceber?), toda a materialidade está permeada de sentidos e valores, e todos os sentidos e valores estão associados a materialidades.

Nessa conjunção de materialidades e imaterialidades, o mais importante são as conexões. Isso é certo ao menos para o design, uma vez que o definimos, acima, como a atividade de elaborar conexões. O que não significa – vale a ressalva – que as conexões sejam elaboradas a partir do nada, ou em um cenário “virgem” de conexões. Como observa Latour (2014), todo design é um re-design. Ele trabalha sobre as conexões já existentes, utilizando-as como base para outras conexões, e atentando para os efeitos que estas últimas terão sobre as primeiras. Para que isso possa ser feito, é indispensável a capacidade de visualizar as diversas conexões que con-formam uma coisa qualquer. Obviamente, é impossível visualizar *todas* as conexões, pois isso significaria visualizar o todo do real. A visualização é uma atividade ativa, que envolve simplificação e a seleção de elementos, ou seja, um mapeamento. A produção de qualquer mapa, afinal, se baseia nesse trabalho de simplificar e destacar, caso contrário, como os cartógrafos de Borges (2008), produziríamos mapas que têm o mesmo tamanho dos territórios, que são outro território, tentativa (sempre já de antemão fracassada) de espelhamento do primeiro.

Um mapa que organize e destaque as associações relevantes para certas elaborações é, então, elemento-chave para o design. A cartografia de associações (e com elas, inevitavelmente, de narrativas e valores), portanto, possui relevância ímpar para o design, e se afigura, ela mesma, como uma forma ativa de elaboração. Destacando, então, a conexão íntima entre os trabalhos de mapear e elaborar, encerro aqui a apresentação da proposta da mesa *Conexões do design: cartografando associações e narrativas*, e convido o leitor a seguir refletindo sobre o tema com os artigos que seguem.

Referências

BORGES, J. L. Do rigor na ciência. In: _____. **O fazedor**. trad. J. V. Batista. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

LATOUR, B. Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk). trad. D. B. Portugal; I. Fraga. **Agitprop**: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.

_____. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory**. New York: Oxford University Press, 2005.

Como citar

PORTUGAL, Daniel. **Fazendo conexões: considerações preliminares sobre design e ação social**. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição Especial Outubro 2017. pp. 32-38. Disponível em: [<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>]

DOI: 10.12957/arcosdesign.2017.30939



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.